

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 66

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1905

É prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno 8\$000
Semestre 4\$000
Trimestre 2\$000

Brazil
Anno 52\$000 moeda fraca
Semestre 30\$000

Territorios da união postal
Anno 10\$500
Semestre 5\$600



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Charitativa Lealdade
Rua S. Bento,

LISBOA
Empreza do jornal "O SECULO."
43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA - LISBOA

COLCHOARIA

de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

Kermesse de Paris

Completo sortimento de brinquedos. Objectos de novidade para brinde, perfumarias e varios artigos de utilidade.
Rua do Principe (Avenida Palcos)

Chronometre ZENITH

O melhor relógio em ouro, prata e aço. A venda em todas as relojoarias.

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

Centro Colonial Typographic
Rua da Conceição da Gloria
Trabalhos em todos os generos. Preços resumidos

SANTOS CAMISEIRO

Roupas brancas para homens
24, RUCIO, 25

OURIVESARIA e relojoaria
FLORINDO
COM Officina anexa
99, RUA AUREA, 99

VIRLING & C.ª
LIMITADA
Cambio e papéis de credito
Praça do Municipio, 2 e 3
Rua do Arsenal, 41 e 43

BACALHAU

Por grosso e miúdo a preços muito resumidos, vende-se no armazem da
R. Nova de S. Domingos, 34

Os unicos seguros de vida COM SORTEIO são os da "Equitativa" dos E. U. do Brazil

SILVA CARVALHO

(PHARMACEUTICO)
46, Rua de Santo António, 52
Completo sortimento de cintos elásticos, fraldas, artigos para pensões, esterilizações, etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras, aguas medicadas, perfumarias, etc.

TODOS OS PAES PREVIDENTES DEVEM segurar a vida na "MUTUAL LIFE" Praça dos Remolares

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES

Telephone, 1110

ATELIER DE ALFAIATE

A. C. LOPES & C.ª

CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS

LISBOA

55, Rua Ivens, 57, 1.º

PANORAMA DA PALESTINA

Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa. A pintura e escultura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfeita illusão d'uma viagem á terra Santa, á patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde á meia noite

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR VIRGILIO DA COSTA

Escriptorio - Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo
NUMERO 00 NATAL

Publicação de luxo feita nas offitinas d'O SEculo. Gravuras a cores pelos processos mais modernos.

PREÇO 200 RÉIS

Está a venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa e Porto, e em todas as agencias d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil.



ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

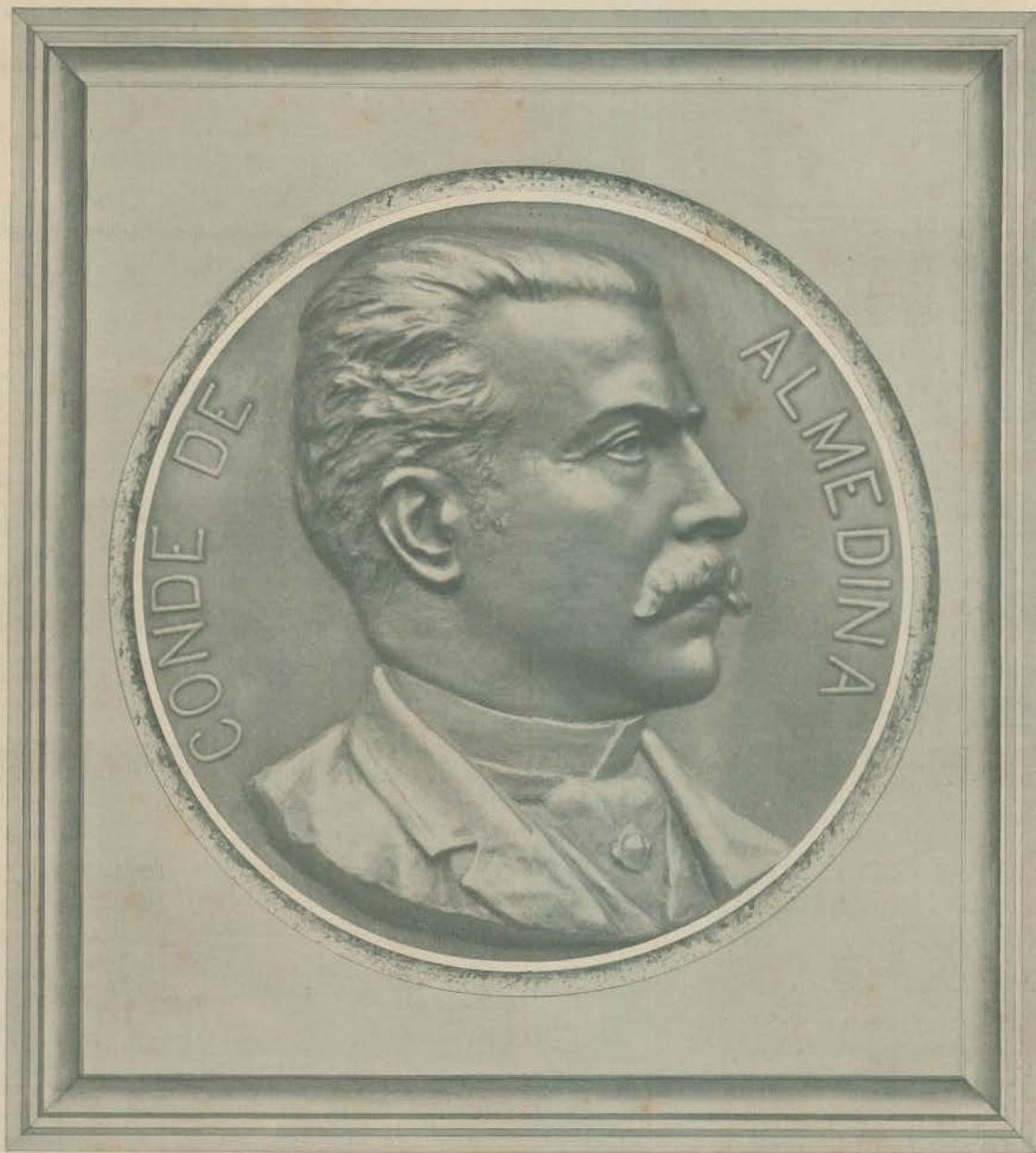
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photographarura, zincographia, stereotypia, typographia e imprezaão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1905

NUMERO 66



CONDE DE ALMEDINA

Acaba de ser inaugurado no Museu das Janellas Verdes um medallão, obra de Simões d'Almeida, e que representa o conde de Almeida. A homenagem foi justa, porque aos grandes esforços, boa vontade e dedicação do conde se deve a existência do Museu. Grande amigo das artes, artista elle mesmo, o conde de Almeida pertence a uma familia de intellectuaes. O seu parente visconde de Valmor tornou-se um nome querido entre os nossos pintores e esculptores e da sua obra de homenagem grandes resultados se tem ja colhido. O conde de Almeida, Delphin

1 Doudato Guedes, nasceu em 18 de novembro de 1841, em Santo Thyrso, e formou-se em direito na Universidade de Coimbra, concluido o curso em 1868. F' o discipulo do celebre pintor Thomaz d'Almeida e, por morte do marquez de Hohenlohe, nomeado inspector da Academia, sendo condecorado com as ordens de S. Thome, Isabel e Cathalina e Coroa de S. João; morreu em 25 de setembro de 1895, deixando com um nome laureado uma grande reputação bem merecida de honradas.

CHRONICA

A pata do leão

Ha historias que se ouvem quando somos crianças e que nunca mais esquecem; umas vezes são pequenas aneddotas proprias para fazer rir, outras são contos terríveis de bruxas e papéis que nos roubam o sonho ao julgarmos vêr dançando pelas paredes as macabras sombras evocadas na nossa presença.

Depois vem a idade, chega a razão, entra-se na cumplicidade do mundo e tudo isso nos faz encolher os hombros. Geralmente d'essas historias não se aproveita nada e no entanto quasi todas tem o seu fundo de ensino, de moralidade, quasi todas, como as fabulas de Lafontaine, são feitas n'uma alta idea de utilidade e dão uma sã e boa lição.

E' assim que sempre me impressionou e jámais esqueci a historia da pata do leão, uma coisa singular que guardel talvez pelo episodio, talvez por outra cousa ou o mais certo por vir d'uns labios amados n'um tempo em que só d'elles recebera com beiços palavras boas.

Mas vamos á historia . . .

Era uma vez certa companhia de palhaços que ia pelo mundo com a sua carrinhola bem fornecida



OS PALACIOS REAES DA RUSSIA — CASTELLO DE PETERHOFF

de viveres e de cunhas e arrastando na sua esteira uma jaula miseravel mas dos grossos ferros onde se mostrava um leão de juba farta, mas d'olhos humildes, um animal soberbo e forte, mas de rugidos mansos.

O bando caminhava pelas estradas bem enlourado, cantava e ria e quando acampava comia bem e bebia melhor, porque em toda a parte o povo acorria a vêr esse leão enjaulado ao qual davam tratos extraordinarios.

Elle, como esquecido da sua força e da sua realza, igual a um gigante d'alma bondosa, estava sempre por tudo e fazia coisas de pasmar. Ao rufo d'um tambor o leão perdia-se, marchava de patas no ar, firme e alegre, rugia como em saudações aos senhores; ao toque d'uma corneta elle atravava-se contra as grades da jaula, saudia-as como se procurasse um inimigo e voltava logo a prestar-se aos pés dos palhaços.

Ajoelhava-se, embandeirava a cauda borluda e sendo um nobre leão das selvas mais parecia um cão de regaço; deixava que as crianças dos saltimbancos lhe cavalgassem o dorso cor de cobre, luzidio e pelludo, lambia as mãos dos circunstantes á voz celerica do domador e como n'um cumulo de ignominia, para mostrarem a fera n'uma submissão de carneiro, traziam para a pista uns burrinhos amestrados que despediam parelhas de insultuosos coices na fronte Augusta do animal humilhado. Por vezes o sangue corria-lhe das feridas e o povo lou excitado berrava, applaudia, chasqueava o leão; atirava-lhe feixes de herva como se o julgasse in-



OS PALACIOS REAES DA RUSSIA — GATCHINA

digno de atochar a dentuça anavalhada em nacos de carne polpuda.

E os palhaços, recolhendo gorda receita, contando com o seguro exito do dia seguinte e de toda a sua vida, acampavam e passavam as noites em libações e em orgias, deitando para a jaula umas buchas de pão e os ossos que ficavam dos lutos festivos.

Nem um só rugido impaciente elle soltava, dormia e acordava para o trabalho e nos seus olhos meigos e redondos havia como a ternura infinita pelos senhores; da sua guella vermelha e funda lingua larga e quente saia a estender-se ca riuhosa para as mãos rudes e armadas dos palhaços.

Assim andaram annos a fio de feira em feira, de terra em terra, ganhando bem e comendo o que ganhavam, riudo e folgando, vivendo com as mulheres e com as crianças que se habituavam a fazer corpo quieto do leão manso, que na sua nobreza e no seu respeito esquecia a força e muito soffria de rastos. Já tinha na linda pelle cicatrizes fundas que o aviltavam e continuava do mesmo modo humilde e calmo. Mas um dia chegou em que foi necessario mudar de espectáculo. A multidão correa a vêr o que os palhaços iam fazer. Havia um mundo de olhos fixos na jaula; crianças empoleiravam-se nas arvores, ass mulheres sorriam. O leão lá estava adentro dos ferros. Toda a gente sabia: que elle não comia-

ra desde ha muito nem mesmo o pão negro nem os ossos dos festins. Sempre queriam vêr!

A familia dos saltimbancos entrou para a jaula, estendeu no chão uma toalha branca, sobre ella installou um banquete opiparo de carnes sangrentas, de nacos altos que desafiavam fomes, de caças nobres que rescondiam, de faisões reaes e de carneiros tenros.

Na brazoletta ardente um ferro comprido ia a chegar ao rubro. Os espectadores riam, os palhaços contiam, o ferro ia a caldear e o leão encolhia-se no canto entre as gargalhadas do povo lou. O banquete ia no seu auge; o animal olhava a carne e passava a lingua pelos beiços, abafava rugidos, vinha docemente a buscar um osso de rastos. O povo ria mais. Um dos palhaços ergueu-se, fallou-lhe, vinha a humilhar-se, tomou o ferro em brazo, chegou-lhe á pelle; ouviu-se um rugido e o leão recou; nova vergastada de fogo, novo rugido que abalou tudo e maior gargalhada: mas quando o ferro se alçou de novo para o leão ofesimado, elle apenas levantou a pata e a mostrou ao senhor.

Trocaram no, passaram na sua frente mofando, foram com o ferro caldeado e cravaram-lhe na ilharga. Ergueu as duas patas como n'um aviso. Riram mais e d'esta vez ospetaram um naco de carne na ponta a arder do ferro, metteram-lhe pelas guellas e elle d'um salto atirou-se ao senhor, marcou-lhe a face, atirou-se ás crianças e ás mulheres e na sua fome e na sua colera despedaçou tudo, abriu-lhes os ventros, comeu-lhes as entranhas, devorou os e lambes os beiços a mostrar-se enfim leão, desdenhoso para as carnes do festim e remendo sereno os restos dos seus antigos carrascos. O povo lou já não ria. Lá muito ao longe n'uma floresta escura, os homens da companhia que esca param esconderam-se a tremor de medo, ao verem o leão furioso e cheio de fome devorando os que d'elle viviam e o calcavam o e escarnecida . . .

E foi o que me lembrou de escrever n'esta semana visto não haver outra cousa mais do que essa revolução da Russia — a que chamam a rebellião de ideias — e que não passa d'uma revolta da fome ultrajada e da magestade d'um povo escarnecida!

ROCHA MARTINS.



OS PALACIOS REAES DA RUSSIA — TSARKOIÉ-SELO ONDE SE ENCONTRA ACTUALMENTE A FAMILIA IMPERIAL



O ENCONTRO DO COMMANDANTE DA CANHONEIRA LIMPOPO COM O ALMIRANTE RUSSO REJDEVENSKI NA BAHIA DOS TIGRES

1.º TENENTE JOÃO CARLOS DA SILVA SOUZA
COMMANDANTE DA LIMPOPO

A *Limpopo* é uma pequena canhoneira que faz cruzeiro na Bahia dos Tigres, onde vivem numerosos pescadores algarvios que é necessário proteger. Ha tempo constou que um navio allemo ia para all fazer exercicio de tiro ao alvo e logo a *Limpopo* partiu para o local, a fim de impedir violencia. O navio não appareceu, mas em compensação chegou a esquadra russa do Ballico, de commando do almirante Rejdewski, a mesma com que se deram os desgraçados incidentes do Hall e que se preparava para receber combastivel na bahia. Passaram os 21 navios da esquadra dentro das aguas portuguezas e o commandante da *Limpopo*, vendo n'isso uma violação da neutra-

lidade, e, embarcou no seu escaior, e apesar de dispor apenas d'um pequeno barco como é essa canhoneira, dirigiu-se a bordo do navio allemo. A *Limpopo* portou-se no conjuncto d'esses minutos, e mas o official falou ao almirante, mostrando-lhe bem que violava um direito internacional e como o Rejdewski retrahiu que estava fora das aguas portuguezas demonstrou-lhe o contrario e disse-lhe que devia retirar-se em 24 horas, d'uma maneira fria, serena e calma.

Com effeito a esquadra russa partiu no tempo marcado, em respeito ao nosso direito, que um bravo e official ficara executar.

CARTAS DE LISBOA

Carlos Malheiro Dias acaba de publicar um novo volume. São cartas, impressões, notas tomadas ao correr da penna durante um anno, tão ligeira e tão lindamente escriptas que as temos d'um folgado. E' o decorrer do acontecimentos que nos encheram por dias a alma, que nos foram caros ou de que apenas tivemos noticia, e que trata a obra do illustre escriptor. A edição é da Livraria Classica Editora e pertence ao livro o trecho que em seguida publicamos acerca das nossas riquezas artisticas:



ALACIO de Calhariz, onde o primeiro duque de Palmella dava as suas festas sumptuosas, a que a presença da guarda dos archivos, de que era capitão, emprestava aspectos solennes de festividades reaes, está, desde a transferencia, para a Arcada, do ministerio dos estrangeiros, com escriptos. A familia Palmella preferiu-lhe o socego e os arvoredos do palacio do Rato. A meu lado, o antigo palacio do Manteigueiro, na rua da Horta Sácca, depois residencia dos condes da Torre e dos viscondes do Condell.

xa, e hoje habitação e propriedade da familia Gonçalves, não conserva do primitivo e isolado esplendor senão a escaadaria. Os tetos de Alexandrino, os tremós



CAPETHEIRA DE GERMAIN
Pertencente ao sr. conde da Folgosa

dourados com pedras de outro derrotidas, os estegnos Italianos de Grossi, tudo desapareceu sob os vandalismos democraticos da Assembléa Lisbonnense. Logo abaixo, na calçada do Combro, o imponente e incompleto palacio dos marquezes de Olibão — cujo descendente, D. José da Cunha, secretario do actual ministro da marinha, reside na sua casa hereditaria de Xabrogas — é, desde que do lá retirou o corrio geral, um imenso albergue, onde se amontoam familias, se acotovelam pequenas industrias e casas do commercio, se alojam a repartição de fazenda e se in-

stalleu a typographia de um jornal. E, entretanto, pela sua grandezza e mobilissimo aspecto, este palacio, que lembra o dos Monterey, em Salamanca, — de que os meus olhos ainda tem saudade! — devia ser, depois de concluido, uma das mais grandiosas casas do Peruggal! Lá em cima, no largo do S. Roque, uma Companhia de



CARLOS MALHEIRO DIAS

carreguns occupa o antigo palacio dos marquezes de Niza, cuja mobilia de salão se encontra actualmente a venda na *Liquidadora* da Avonida!

E quantas ainda, de que eu vejo, da janella do meu gabinete de trabalho, os telhadros, os coruchéas, as platibandas, as chaminés ou a frontaria! N'uma loja do palacio Palmella, delineado por Cinatti e Rambois, e onde morou, em 1855, o capitalista Manoel Pinto da Fonseca, o *Monte-Christo*, vou eu hoje fazer a barba! Ao palacio arrogante dos Castromarin vou eu hoje pagar a decima! Ao palacio faustoso do Manteigueiro vou eu hoje pagar o aluguer da casa! No antigo palacio dos Sobras, cujas salas eram forradas de pannos de Arris e sedas da India, e onde o Cagliostro fez experiencias de alchimia, está hoje a *Caixa Geral de Depósitos*. No palacio dos viscondes da Lançada, em cujos salões D. Maria Cruz recebeu toda a litteratura e toda a politica, e onde la tomar chá Benalencôr, está hoje a redacção do *Seculo*! O palacio dos Mellos transformou-se n'um collegio de meninos! E quantas decadencias mais e quantas ruinas a minha vista alcança, sem que seja preciso arguir-me da mesa em que trabalho!

Olhar Lisboa das varandas de minha casa é abrangela em todos os seus aspectos, desde os cyclos heroticos da conquista ao periodo glorioso das descobertas, até ás convulsões do terremoto e á sua expansão propriamente moderna.

A verdade é que á nossa custa se enriquecem ainda hoje os grandes museus da Europa, como ha poucos annos o de Francfort, comprando ao sr. marquez da Foz as duas famosas terrinas de Germain, cuja historia pittoresca ouvi contar ao conde da Folgosa, a quem pittorrescamente pertenciam e que hoje ainda conserva numa urna e cafeteria do mesmo encheador francez.

Uma manhã foi procurado o conde por um negociante de antiguidades da rua do Alecrim — o velho e astuto Coimbra — pedindo que lhe mostrasse uma terrina de prata, que possuia.

O conde mandou apor dos aparadores todas as pratas, que o negociante metulosamente examinou, re-



A REDACÇÃO D'O SECCULO, ANTIGO PALACIO DO VISCONDE DA LANÇADA

buscando as marcas da contrastaria, acabando por declarar que nenhuma d'aquellas terrinas correspondia no desenho e na forma ás que pretendia ver.

Então o conde mandou buscar duas novas terrinas, guardadas com os seus pratos em estojos antigos, e logo as pupillas do Coimbra rubrificaram. Eram aquellas! Mas depressa, á primeira alegria irroprimivel, succedeu a inquietação e o desanimo. Apenas duas marcas de contrasta, ambas portuguezas, appareciam, derrotando a investigação soffregada do antiquario, que procurava a assignatura famosa do curives de Luiz XIV.

Desfaldado, o negociante retrou-se, podendo mil desculpas, para voltar inesperadamente na semana seguinte. O mesmo resultado negativo teve esta segunda tentativa, a que, passados dias, se seguiu novo exame, que o conde da Folgosa consentiu de mau humor, declarando, peremptoriamente, ser o ultimo. Mas finalmente o Coimbra triumphou. A assignatura appareceu no prato e as flores de liz no rebordo da terrina. Então, muito pallido, limpando o suor, a Coimbra propoz a venda das terrinas a um colleccionador estrangeiro. O conde recusou. Mas o Coimbra insistiu, quasi implorou. E para se libertar de tal lamuria, o conde pediu quatorze contos pelas terrinas, que tinham sido avaliadas em inventario por seiscentos mil réis. O Coimbra retirou-se com a promessa de consultar para França o pretendente.

Um anno passou e já o conde da Folgosa se não lembrava do velho ajuste, quando uma tarde, em Vienna, um desconhecido o procura, declarando-se filho do Coimbra, que fallecera ha dois mezes.

— E então que quer você?
— As terrinas de prata, sr. conde.
— Ah! Outra vez as terrinas? Para o tal estrangeiro?
— Pelos quatorze contos...

O conde honrou a palavra e vendeu-as. Passados dias, as terrinas figuravam entre a baixela do sr. marquez da Foz, que não se serviu do Coimbra para as vender por fabuloso preço ao mouzo de Francfort...



URNA DE GERMAIN
Pertencente ao sr. conde da Folgosa



OS PALACIOS PALMELLA E CRUZ SORRAL

* N'este palacio se passam algumas scenas do romance *O Grande Cagliostro* que a *Illustração Portugueza* está publicando



- 1 — GRAN-DUQUE VLADIMIRO
Tio do czar, commandante em chefe do exercito
- 4 — GRAN-DUQUE NICOLAU NICOLAIWITCH
Sobrinho do czar Nicolau I
- 7 — GRAN-DUQUE ALEXANDRE MICHAELOVITCH
Sobrinho do czar Nicolau I, capitão de navio

AS FILHAS DOO CZAR
As grand-duquesas Tattiana, AAAnastacia, Olga e Maria

- 2 — GRAN-DUQUE E ALEXIS
Tio do czar, almirante em chefe da armada russa
- 5 — GRAN-DUQUE CONNSTANTINO
Sobrinho do czar Nicolau II, general do exercito

- 3 — GRAN-DUQUE SERGIO
Tio do czar, governador militar de Moscou
- 6 — GRAN-DUQUE CYRILLO
Primo do czar e official de marinha russa
- 8 — GRAN-DUQUE BORIS
Primo do czar

OS GRAN-DUQUES 5 DA RUSSIA.

O COLLEGIO DA REGENERAÇÃO EM BRAGA

No tempo de D. Maria I o intendente de policia mandava recolher as mulheres prostituídas nos hospícios de Santa Margarida do Cortona, que ficava ali no edificio da Cordoaria, na Jancoira. Dedicavam-se as mulheres a varios trabalhos e d'ali saíam muitas vezes regeneradas. Era uma prisão onde se guardava a sete chaves o vicio das ruas, enquanto a miseria se estendava nos portaes dos conventos e das casas fidalgas. D'essa miseria d'então, como das grandes crises moraes e materias d'agora, nasceram os estudos do vicio que o Collegio da Regeneração de Braga é o unico instituto da caridade a recolher.

Ali, sem os rigores de uma prisão, sem o aspecto terrivel das grades que influem dolorosamente nas almas e sem aquella monotonia quietação conventual que lança por vezes as mulheres na loucura mystica, com arroubos e devaneios, as pobres perdidas podem encontrar socego, descanço, um leito e um pedaco de pão, uma camisa e uma tarefa que é com que pagam o recolhimento. A penitencia não existe; só o trabalho honrado as regenera.

E para ali vão as mulheres do campo, arrancadas por



AS COLLEGIAS NOS TRABALHOS DA HORTA

mantimento d'um enamorado que lhes foge, as desditosas mulheres que caem por ignorancia no lodaçal. O collegio é um porto d'abrigo onde vão recolher-se e esquecer, onde vão repousar como gaivotas accossadas pelo temporal a proenharrem na praia o logar d'asylo.

Algumas recociam os seus tempos de creança as primeiras tarefas que fizeram, esquecem o que passaram no mundo, as noites de tormento ou de prazer, e agarrando a enxada vão cultivar o hortejo, ou tomando as cargas de roupa entram no lava-



UM GRUPO DE ALBERGADAS

vezes as familias nos braços d'um amante que as abandona, as filhas familias que cedem ao ro-



O LAVADOURO

doar, e as canções resoa sob o telheiro, n'uma sã alegria; outras, mais delicadas, dedicam-se á costura, tratam dos engomados, praticam nas sapatarias e sob a vigilancia d'algumas irmãs de caridade trabalham e são uteis á comunidade.

Foi um padre — o reverendo Airoza — que em 1861 fundou o collegio, sendo coadjuvado pela sr.^a D. Anna Vieira, que lhe cedeu gratuitamente a casa para a instalação. Receberam-se ali algumas mulheres transviadas e pouco a pouco ali foram affluindo outras, sendo necessario transferir o estabelecimento dentro em pouco para a casa de Avellar de Baixo. Chamava-se até então ao recolhimento *O Abrigo*, como a dar a impressão d'um logar todo de bondoso acolhimento para as feminis victimas da rua, do mundo, das grandes quedas moraes ou do destino se assim quizerem.

Pouco a pouco vieram mais mulheres, recolheram-se, quiseram regenerar-se. Chismon-se então a casa d'abrigo, chamou-se-lhe o *Collegio da Regeneração* e transferiu-se para o antigo convento da Conceição. A melhor socie-



idade de Braga entrou a concorrer para a grande obra, toda de caridade, de bondade e de verdadeira reabilitação.

E' vêr agora essas mulheres, aquellas que chafurdaram nos baixos das ruas e as que tiveram a admiração d'uma cidade pela sua belleza, que se estadearam em carruagem, fôres de asphalto e fôres de *bondoir*, ligadas e unidas, tendo saído da mesma deshonra para o mesmo trabalho honesto, além n'esse asylo onde se dedicam á tarefa.

Ninguem pode calcular, senão diante das contidas d'essas mulheres escorregadas pelo mundo, o que é o seu soffrimento e que porção de balsemo o carinho lhes lança nas chagas abertas nos seus corações, que, sendo feminis, são cheios de pequenos nadas, de susceptibilidades miúdas, apesar dos escarnos a que se expuzeram. E' por isso que após alguns annos d'as



ENGOJMA DEBITAS

Depois o collegio está bem situado, as officinas são alegres e vastas, as cozinhas e os refeitórios magníficos. Estão recolhidas além 128 mulheres arrancadas á miseria terrível das ruas, ás surpresas dolorosas, nos horrores dos dias sem pão e que se dedicam a uma tarefa de reabilitação.

Aquellas portas abrem-se e deixam passar de novo para o mundo, para as tentações, para a liberdade. Não são como as da velha fortaleza da Junqueira, onde estava instalado o hospício de Santa Margarida de Cortona, nem como as do Saint-Lazare, onde a França recolhe as mulheres perdidas, e no entanto, nenhuma d'essas creaturas quer sair d'alli, como se ao cabo d'uma tormenta horrerosa tivessem encontrado a paz mais almejada quanto maior são os soffrimentos por que se passa n'este mundo. E soffrimentos como os d'essas mulheres são raros, porque com a miseria



COSTURANDO



OFFICINA DE SAPATARIA

sas miserias que os vestidos garridos encobrem, ellas ao encasularem-se no simples habito da Collegiada, n'essa tunica deromeira, e ao calçarem os sapatos grossos do seu fabrico, ao metterem as tranças formosas nas coifas quasi monasticas que usam, sentem um bem estar e uma ancia de pagar com o seu trabalho os velhos peccados e o reponso que se lhes offerece. Das labios das mulheres que tambem tem soffrido, em que só uma grande vocação leva para as congregações — as irmãs da caridade — saem os conselhos bondos, nos que ellas oscutam, as palavras de resignação que lhes enxugam as lagrimas.

Quando se entra n'uma d'essas officinas bem arruma-

das, postas em ordem e onde asis mulheres se curvam ao trabalho, tocendo em costurandelo, engommando ou bordando, tem-se a visão d'uma a sociedade a resurgir e a impôr-se pelo esforço, a trabalhar para se reabilitar, d'esses corações que a outros corações se abrem seguindo um grandissimo exemplo de bondade.

E' como uma grande colmeia a onde cada um concorre na medida das suas forças e d'as suas aptidões para o bem commum, onde as mulheres se ligam por amizades sinceras e reaprendem o bezeron que tinham esquecido na hora em que a desgraça lhesa tocára com o seu dedo fatidico.

própria, com as dôres da sua alma encontram apenas o desprezo do mundo.

E' o Collegio da Regeneração o unico estabelecimento de caridade onde as portas se abrem para receber essas escorregadas da sociedade e na sua organização modular, nos seus intuitos, no seu systema de bondoso acolho, hu muito a aprender para ser applicado a outros asylos semelhantes que seriam desertos á causa de muitos arrependimentos, que salvariam do vicio aquellas que n'elle são obrigadas a continuar, que n'elle se affoguem por falta d'amparo, como forçados presos a ignominiosa calceta que os fere, os emporcalha e os subjuga.



O EDIFICIO



UM FRONTAL



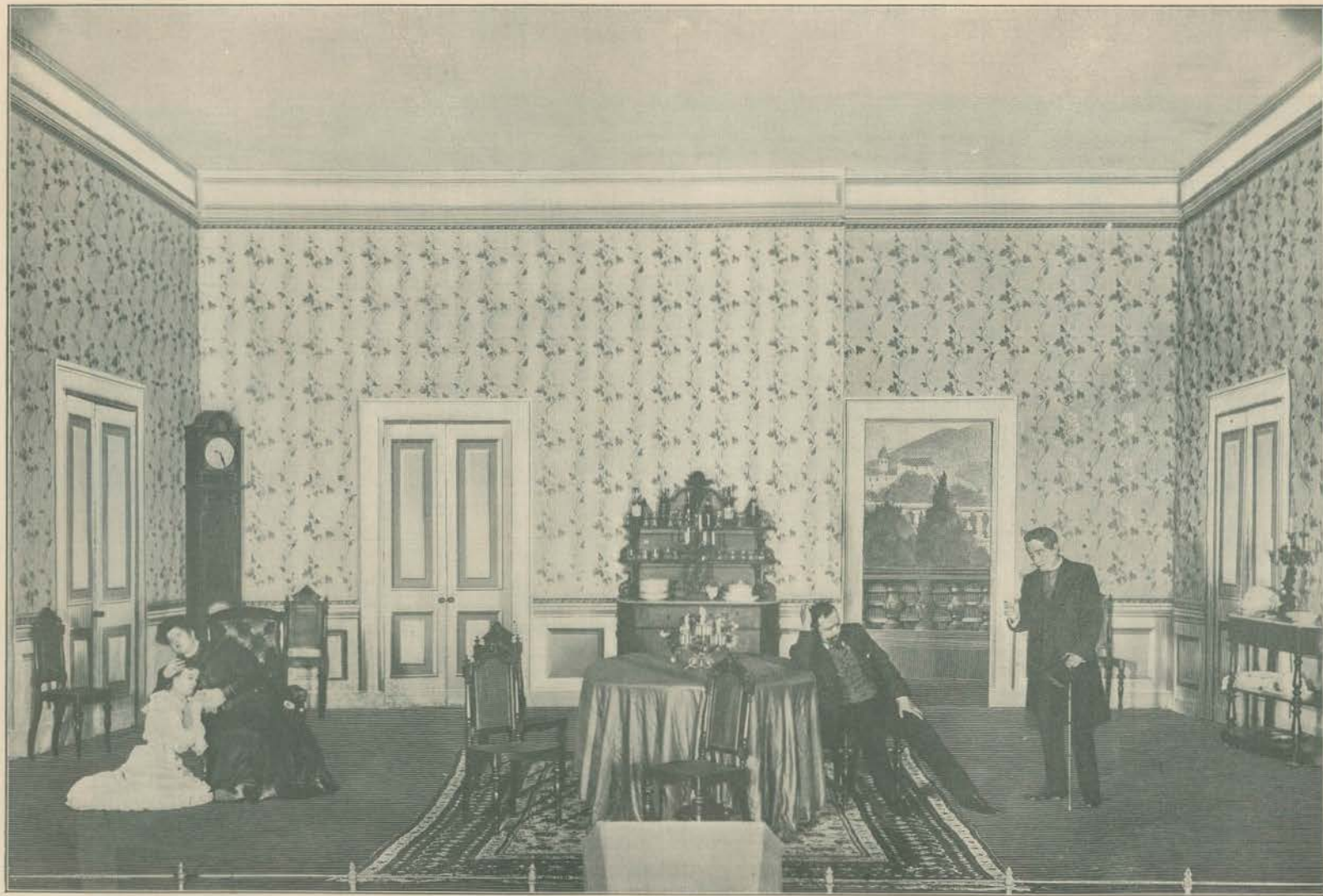
A REVOLUÇÃO NA RUSSIA — TUMULTOS NAS RUAS

A Rússia está n'um estado d'agitacão que tem seccado pela Europa d'uma maneira sinistre e horrosa. Compara-se ao 1793, demolidor e sanguinario, o movimento actual na Rússia, nação verdadeiramente despótica da Europa. A guerra, arrastando para o Oriente os saldos, roubando os filhos as mães, os cultivadores a terra, o pão as borras, gerou este estado de revolta que os classes nihilistas souberam aproveitar com tanta habilidade como outr'ora aproveitaram as desgraças do

povo de Paris os intellectuaes da revolução franceza. Um padre russo, figura apostolizadora que a palavra justa a seccão, fez-se o chefe do povo revoltado. E' o padre Gapon, um d'esses muitos individuos intelligentes, que na Rússia sacrificam o pão, o lar, o bem estar, tudo, pela ideia que lhes é cara. Perseguido e humilhado sempre, foragido mas disciplinado ainda de longe, tem conseguido immenso com o exemplo da sua tenacidade.

S. Petersburgo está em estado de sítio, são presos em suas casas os revolucionarios mais conhecidos, e não escapou a essa perseguição o grande escriptor Maximo Gorki, por quem os possadores de todo o mundo intercederam junto do governo russo, a fim de lhe ser poupada a vida, pois o general Trapitz, governador da cidade, condemnara-o a ser enforcado. A Polónia revoltou-se tambem. Por toda a Rússia, nos campos, como nas cidades, entre sangue, os operarios estão em greve, jun-

tam vellosa lutras a classes, os estudantes põem-se á frente do movimento e alguns regimentos de infantaria com munitoes sem o povo. O czar é tambem como um fugitivo no proprio imperio, pôde tem andado de castello em castello, temendo a vingança dos revolucionarios.



O «NÓ CEGO», PEÇA EM 3 ACTOS DE LOPES DE MENDONÇA REPRESENTADA NO THEATRO D. MARIA II—A SCENA FINAL.

LUZ VELLOSO
(A filha)

AUGUSTA CORDEIRO
(D. Emilia)

FERNANDO MAIA
(O engenheiro Seabra)

FERREIRA DA SILVA
(O prior de Benfica)

O dramaturgo illustre que encontrou d'uma brilhante maneira a sua carreira, Lopes de Mendonça, autor do *Duque de Viseu* que a Academia premiou quando disputou o premio a *Estrela do Loureiral* nothe Eça de Queiroz, escreveu agora para o theatro D. Maria uma peça intitulada *Nô Cego*, na qual se debatem paixões, decorrendo as scenas da mais natural maneira. A critica chamou-lhe uma peça moderna e de theatro e com effeito o dramaturgo n'ella mostra como o medo do

mundo, os preconceitos sociais afastam duas creaturas que na sua ligação encontrariam a felicidade. O engenheiro Seabra (Maia) foi abandonado pela mulher, que o trahiu, hecoi com uma filha Luz Velloso, apaixonou-se por outra mulher (Augusta Cordeiro), que é a bondade e a ternura, mas o prior de Benfica (Ferreira da Silva) mostra-lhes que o mundo murmura e elles, que no seu amor encontrariam a ventura, deixam-se, lombardando-se que a criança seria apontada p'lv sociedade como viciado

entre um par illegitimamente ligado. Joaquim Costa tem tambem na peça um papel comico que faz primorosamente e tem sido grande o exito de *Nô Cego*, nome de resto era de esperar em virtude do talento consagrado de Lopes de Mendonça.

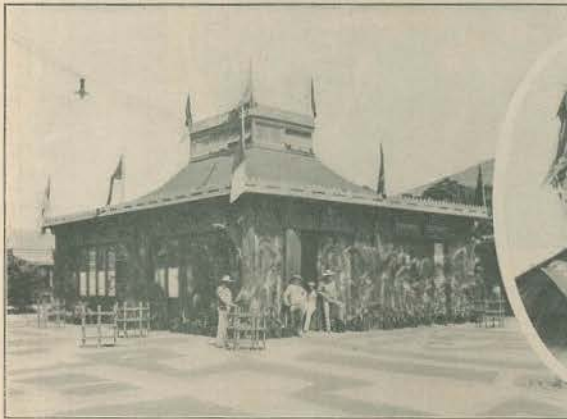
A peça é acompanhada por uma ligetra comedia de Hygino de Mendonça que se intitula *A Aróstuba* e que teve tambem successo.



FACHADA DO EDIFÍCIO DAS REPARTIÇÕES DE FAZENDA DE LOURENÇO MARQUES



SALÃO ONDE SE REALISAVAM AS RECUPEÇÕES OFFICIAES NO GOVERNO GERAL



KIOSQUE DO SR. A. A. SALGADO



ENGENHEIRO DIRECTOR DAS OBRAS PUBLICAS, CAPITÃO HENRIQUE CESAR DA SILVA BARABONA E COSTA



EDIFÍCIO DAS OBRAS PUBLICAS



PAVILHÃO ONDE TEVE LOGAR A «KERMESS»
COLONIAS PORTUGUEZAS: AFRICA ORIENTAL—LOURENÇO MARQUES



PRAÇA 7 DE MARÇO, VULGO PRAÇA MOUSINHO D'ALBUQUEQUE

Tem progredido muito as obras realisadas n'esta cidade, mercê da boa vontade e intelligencia do engenheiro sr. Henrique Barabona, que quasi tem concluido o edificio destinado á repartição da fazenda.

Não fundar-se em Lourenço Marques algumas cozinhãs economicas, que serão d'um grande beneficio para as classes pobres. Para isso tem realisado-se festejos surprehendentes cujo producto foi elevado. O banar, n'um elegante pavilhão, teve que se encerrar muito cedo, pois, apesar da grande abundancia de proeias, a pressa ficou exgotada. Venderam-se n'um boque

de dez mil bilhetes, o que bem attesta o desejo de toda a gente da cidade em conhecer para a svelte e mesmoria obra que uma commissão quer levar a cabo. As barracas eram de maguelico e fôrto teio. Tendo os engenheiros Barabona, e o condutor de obras publicas sr. Henrique de Carvalho considerado d'uma bem ponderante maneira os organisadores das festividades. Destacava-se o pavilhão do sr. A. Salgado e todo o resto produzia um feérico effeito, illuminado a ligelinas de cores vivas em grande profusão. Dentro em pouco será inaugurada a primeira cozinhã economica, cujo projecto é do mesmo engenheiro sr. Barabona, a quem a provincia muito deve.



Primeiro plano, sentados no chão a contar da esquerda para a direita:—Francisco Castello Branco, Ant3nio Silveira (presidente da assembleia geral), Beato Viegas, Jorge dos Anjos, José Carrilho, Jayme Casagreira, Antonio Costa Pereira.
Segundo plano—Sanchos Coelho, Bonari Guedes, Oscar Graça, Oliveira Duarte, Adolpho Padua (secretario da direcção), Tamarizinho Barbosa (presidente da direcção), Alfredo Mantua (regente da Tuna), Santos Junior (thesoureiro), Aurelio Silva, E. Ribeiro, Vianna da Motta, Diogo Freire, Hamon de la Peris (regal do conselho fiscal).

Terceiro plano—Carlos Villamaris, Adolpho Netto, João Bastos (presidente do grupo dramático), Elycio Lobo, Antonio P. adente, Fortes Rebelo, Beato Castro, Lobo Antunes.
Quarto plano—Luiz Leal, Manito Torres (secretario da assembleia geral), Ribeiro d'Almeida, Tavares Branco, Mallo Saravia, João Patroni (porta-estandarte), Pereira Ribeiro, José Barreto, Luiz Pamplona, Fernando Cabral (presidente do conselho fiscal e sub-regente da Tuna), Zibercio Ferreira, Mario Barbosa.

A TUNA DA ESCOLA POLYTECHNICA



A RAINHA DA FESTA COM AS SUAS DAMAS E OS POETAS PREMIADOS
SR.^{ta} D. CLOTILDE IRENE DE SALLES, D. MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA (A RAINHA DA FESTA), D. ELISA D'ALMEIDA
SR. SERGIO CAEIRO, DOMINGOS REIS, SIBIRIO TORRES

Os jogos floraeos constituem já uma festa annual da Escola Polytechnica. Elige-se sempre uma comiss3o, a qual 3o auxilia as composições poeticas que devem ser recitadas e premiadas na sess3o solenne. O illustre poeta Julio Dantas foi este anno quem classificou essas poeticas, cabendo o primeiro premio ao sr. Beato Castro, o segundo ao sr. Diogo Reis e o terceiro ao sr. Ribeiro Torres que sahiem a rainha da festa e as suas damas. A rainha da festa, a quem o poeta classificou em primeiro lugar deu o throno e o throno mas cedeo como todos os thronos, foi 3o



A COMISS3O PROMOTORA DOS JOGOS FLORAEOS
SR. SIBIRIO TORRES, TAMARIZINHO BARBOSA, NELLO VIEIRA, ANSELMO PADUA

o sr. D. Maria da Conceiço Costa e as suas damas ao sr.^{ta} D. Clotilde Irene de Salles Cardozo e D. Elisa d'Almeida. As gentis senhoras entregaram as flores dos premios aos poetas que gentilmente lh'as offereceram com o seu reconhecimento por se dignarem aceitar os logares de honra nos encantador e jogos floraeos todos de enthusiasmo, de galanteria e de jovialidade que a tuna da Escola abrihant3o fazendo magistralmente diversas composições.

OS JOGOS FLORAEOS NA ESCOLA POLYTECHNICA EM 2 DE FEVEREIRO

DIPLOMA COMMEMORATIVO

DA

HOMENAGEM A SOUSA MARTINS



J. A. Serrano



Commissão executiva da "Homenagem a Sousa Martins"

finalizando os seus trabalhos, inaugurados em 23 de Agosto de 1897, archiva neste Diploma com profundo agradecimento a satisfação que sempre sentiu de contar no seu gremio < o

Ill.^{mo} e e. Ex.^{mo} Senhor José Antonio Serrano.

Lisboa, na sala daas sessões, em 18 de Outubro de 1904.

O VICE-PRESIDENTE
António Augusto de Carvalho Monteiro

O SECRETARIO
Augusto Cesar d'Almeida Vasconcellos Correia

O THEZOUREIRO
Augusto Cesar d'Almeida Vasconcellos Correia

O DIPLOMA DE MEMBRO DA COMMISSÃO EXECUTIVA DE HOMENAGEM A SOUZA MARTINS

Este diploma pertence ao sr. dr. José Antonio Serrano, hi poveri fallecido, e porem di nionas egues. os ex.ora ars. duque de Palmella, presidente da grande comissão; dr. José Antonio Serrano, vice-presidente da sub-commissão; dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, thezoureiro; dr. Augusto Cesar d'Almeida Vasconcellos Correia, secretario; dr. Xavier da Cunha, dr.

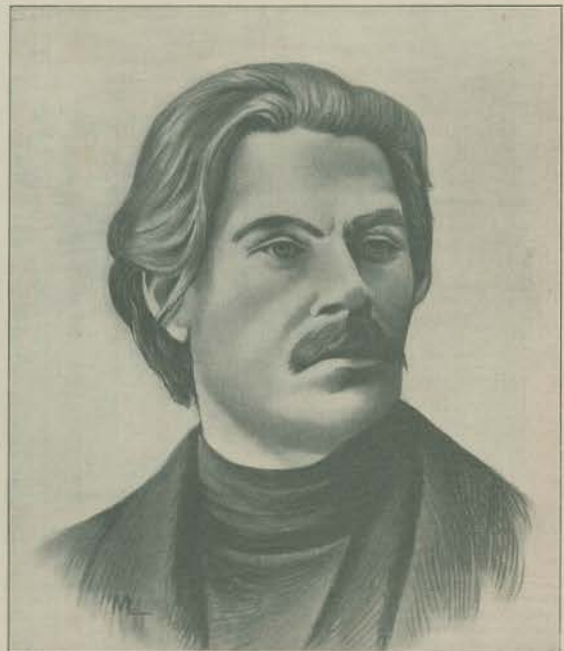
José Eduardo d'Alvares, dr. Henrique Mendes, dr. Manuel Vicente Alfredo da Costa, dr. Thomas de Melio, Heyner, dr. Maria Tavares, dr. Vicente Rodrigues Monteiro, dr. Carlos Joaquim Tavares, dr. Gregorio Rodrigues Fernandes, dr. D. Antonio de Leuzaire, dr. Alfredo Luiz Lopes, dr. Edoardo Burnay, dr. José Eduardo Fagundes Tavares, Casimiro José de Lima.



O PADRE GASPARY

CHIEF OF REVOLUTARY DISTURBANCE IN RUSSIA

O padre Gaspary foi desde o principio um revolucionario, e como tal soffreu as consequencias. Expulso de varias escolas, não se queiram deixar ser padre. Elle mesmo, revolve e o seu mister hoje serve para amaldihoar os soldados que levantam as armas contra esse povo escravizado. A sua obra social é toda doutrinaria. É o que se chama um verdadeiro socialista, como elles dizem ser n'um paiz cujas leis, e em las costumes são ainda os mais despoticos da Europa. Foi o padre Gaspary que redigiu a proclamação ao povo pedindo-lhe firmes e que enviou aos poderes as condições com que os revoltados se satisfariam, tratando como verdadeiro chefe eleito pela multidão o governo que poz a sua cabeça a preço. O Santo Synodo acaba de o destituir do seu sagrado ministerio.



MAXIMO GORKI

Gorki será o herdeiro de Tolstoi, o grande. O governo russo condemnou-o a morte, mediante d'um tratado universal de paz e a liberdade. O seu verdadeiro nome é Alexandre Pankov e usa o pseudonymo de Gorki, que quer dizer amargo. Vem d'uma familia pobre. Seu avô era official de cossacos e tratava de tal forma os soldados que o curar e expulsou do exército; era tambem um carrasco para a familia, que o abandonou. O escriptor desde muito cedo viveu do seu trabalho. Foi inda, padreiro e cozinheiro, moço de bordo, vagabundo das estradas, um paiz que inde quanto é a si o deve. O seu romance *Vagabundo* é uma obra prima; outras obras suas se lhe reputam d'igual valor. Gorki conta trinta e sete annos, pelo nasceu a 14 de março de 1868, em Nijni-Novgorod.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTÓRICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

—Era a Rainha, Alteza. Mas a Rainha era uma creança e era uma anatriçal! Tudo se conjurava contra ella, para a perder. O povo, que devia amal-a, odiava-a. A Rainha precisava de ter a seu lado alguém que a aconselhasse e que a defendesse. Foi então que pensei no cardinal.

—Escolheu mal, conde! A Rainha de França detestava o embaixador de Luiz XV junto da Imperatriz Maria Theresal—atlahou D. José, gravemente.

—Por isso mesmo, Alteza! Só um homem, que o desfavor da Rainha trouxesse afastado da cõrte, podia ser insuspeito ao povo! Mas é n'este momento que uma intrigante interveio na formidável contenda que se ia ferir entre mim e a Revolução! E' uma Valois, descendente de Henrique II, bastarda dos reis, que os reis deixaram envilecer, quem atrai para os pratos da bu-

dir destruindo o livre exame! O lutheranismo e o calvinismo são os progenitores da philosophia moderna, de quem a Revolução é filha primogénita! Mysteriosos são os desígnios de Deus, Alteza! Com duzentos annos de intervalo, a mãe dos Valois tenta cortar a cabeça á Revolução e uma Valois passa para as mãos vingadoras do povo o gladio justiciero da antepassada!

Cagliostro fez uma larga pausa, permanecendo immovel, de braços cruzados, aliando o chá.

Depois, em voz mais baixa, como se fóra chegado o momento das revelações mais perigosas, proseguiu:—Casada com um *gentilhomem* do rei, *madame* de la Motte servira-se de todos os expedientes para augmentar a sua posição e grandeza, como descendente que era de reis. Recolhida pela marquesa de Bondaluvillers, que a encontrou a mendigar nas estradas, ligada ao destino pouco brilhante do senhor de la Motte, desconhecida na cõrte, recebendo uma pequena pensão da princesa Isabel, diante da qual simulava um dia, em Versailles, um desmaio de qualbalida, essa antiga mendiga era amiga do fausto, tinha coche e criados, um palacetto na rua Neuve-Saint-Gilles e creadoras por toda a parte. Inutilmente, a desgraçada procura interessar a

carar de Rainha uma creança, fazendo crer ao Cardinal, uma noite, nos jardins de Versailles, que era a mãe da Rainha de França que elle beijava.

—E o conde acreditou ainda, como o cardinal?—perguntou D. José, erguendo-o do banco.

—Só então descobri da burla, Alteza!

—E preveniu o Cardinal?

—Preveni Sua Eminencia...

—E o cardinal?

—Exactamente como Vossa Alteza, quando lhe denunciou a conspiração, o cardinal de Rohan enfureceu-se contra mim, recusando-me a acreditar-me!

—En acreditou-me, conde!

—Senhor, o cardinal não me acreditou, e n'esse momento se preparava sobre a sua cabeça imprevistamente a tempestade de onde havia de descer o raio fulminatorio! Acensaram-me de cumplicidade. Os factos fallam por mim. Enquanto *madame* de la Motte, a antiga mendicante, comprava villas na Charonne, se vestia como uma princeza, dormia em leitos preciosos, entre nuvens de roudas, enebia os seus palacios de maravilhas e enrolava fios de perolas no pescoço, eu vivia com austeridade e singeloeza e a policia, no acto da minha prisão, não descobriu teozouros em minha casa!

Cagliostro, que proferia em voz baixa essas ultimas palavras, ergueu-se então na ponta dos pés, com a mão na espada, e olhar em lume.

—Altoza! De onde vim e quem sou, Deus o sabe! Se sou indigno de viver, que os céos forjem sem demora o raio justiciero, que me reduza a cinza! E' por vontade de Deus que vivo e a elle prestarei um dia contas da minha vida na terra! Numa as minhas mãos locaram um ouro, que não fosse meu, nem vorteram uma gota de sangue, que não fosse vil!

—A historia, conde!—exigiu D. José, com a face afogueada e o coração palpitante.

—Perdão, Alteza. A historia é breve e vai acabar depressa. Já o cardinal coufara a *madame* de la Motte sommas consideraveis para serem entregues á Rainha.

—A Rainha?

—Sob o falso pretexto de que Sua Magestade se achava em difficuldades para pagar pensões de servicos e contas de fornecedores e não desejava dar publicidade a essas despesas, no momento em que o Rei era o primeiro a dar exemplos de economia aos seus ministros.

—E o conde sabia d'essas transaccões illicitas?

—Ignorava-as, Alteza! O cardinal escondia-m'as. Assim lh'o exigia *madame* de la Motte.

—Não reparava o cardinal no que tinham de inverosímeis essas historias grosseiras?

—Talvez, Alteza! Por isso, *madame* de la Motte inventou a historia do collar. Contara-lhe um dos seus familiares que os joalheiros da cõrte, Bohmer e Bassenge, acabavam de organizar, com diamantes excellentes, um collar do valor de um milhão e seiscentas mil libras, na esperança de que a Rainha de França o adquirisse.

—E a Rainha?

—Recusara-o, Alteza, respondendo nobremente que a França precisava mais de um navio que de uma joia! Mas *madame* de la Motte não desistiu. Mandou vir a sua casa os joalheiros, previu-se a possibilidade de venderem o collar a um grande e opulento fidalgo, da mais alta nobreza de França. A seguir, a uma conferencia secreta com o cardinal, declarou-lhe que a rainha desejava adquirir essa joia de fabuloso preço, a occultas do rei e a credito, pagando-a em prestações de tres mozas. O principe de Rohan não hesita um momento. Procura os joalheiros, fecha o contracto de compra por um milhão e seiscentas mil libras tornezas, em pagamentos semestres de quatrocentas mil libras. O cardinal exige porém que a Rainha ratifique o contracto. *Madame* de la Motte não vacilla um momento: fidalga mais uma vez a assignatura da Rainha e o collar é entregue pelo proprio cardinal a um cumplice da condessa, dissimulado n'uma librê de Versailles. O conde de la Motte parte então com segredo para Londres, e o collar, desmontado, é vendido aos poucos, pedra a pedra, pingente a pingente, diamante a diamante. *Madame* de la Motte compra cavallos, coches, moveis, tapearias, bronzes, louças de Sévres, crystalls da Bohemia e de Veneza, um leito de velludo carmezim bordado a perolas, e ostenta nas liteiras e sejas as armas reais dos Valois! Entretanto, o cardinal volta do seu palacio do Savone e aconselha os joalheiros a irem a Versailles agradecer á Rainha...

—E é então que tudo se descobre...

—Não, Alteza! E' então que tudo se obscurece! Bessego vai a Versailles, entrega á Rainha uma carta de agradecimento e retira-se. A Rainha lê a carta, não comprehendendo, chama o joalheiro, e como lhe disseram que já não estava em Versailles, queima a carta na luz de uma vela e não pensa mais n'isso... Essa carta queimada, era a sua reputação perdida! Essa carta havia de ser mais barbe e a unica prova e o unico argumento dos seus detractores e inimigos! Approximava-se o prazo do primeiro pagamento. *Madame* de la Motte, que em nome da Rainha promettera entregar as quatrocentas mil libras ao cardinal, vendo-se sem recursos inventa e falsifica nova carta, na qual a Rainha pede para addir o pagamento. Pela primeira vez, o cardinal descõfia do embuste, confronta a carta com as anteriores e certifica, com espanto e terror, que a letra de ambas differo profundamente!

—E que fez o senhor cardinal de Rohan, conde?

—Chamou-me! Sem hesitar, declarei a Sua Eminencia que as cartas eram falsas e a sua credulidade excessiva!



ANSELMO SOVERAL

lança, onde o destino pesava os crimes da monarchia, com a sua sentença de morte! Quem poderá deixar de entovirde claramente os desígnios de Deus n'esta intervenção de uma bastarda real, desahida até á mendicância, na lucta formidável empenhada entre a realoza e o povo? Tudo com que um sangue nobre pode enfiar um rosto e tudo com que a desgraça pode desfigurar uma alma, tinha-o essa Valois sinistra e enredadora, perdida e calumniosa! Nas suas veis azues corria ainda esse sangue italiano, que não coagulara no monte do massacre dos huguenotes...

—Catharina de Medicis... disse D. José em voz baixa, debruçado no banco.

—Sim, meu senhor, Catharina de Medicis, o maior dos polticos, aquelle que primeiro avistou, nos horizontes longinquos da historia, a Revolução, e a quiz impe-

Rainha pela sua sorte. Imutilmente volta a simular desmaios e convulsões debaixo das janellas do palacio. Ninguém a ouzta, ninguém volta a cabeça. Apenas os credores e a justicia redolham de diligencias atrás d'ella. E' então, á falta de outros recursos, que ella procura o cardinal de Rohan, cujas prodigalidades e galanterias tola a França fidalga e plebeia conheciam. Alteza, o cardinal tinha um espirito credulo, um coração compassivo e uma natureza libertina. O plano de *madame* de la Motte foi astuciosamente combinado. O cardinal deixou-se perturbar pelos seus beijos e pelas suas mentiras. Secretamente, a intrigante convenceu-o da amizade com que a distinguia a Rainha, offerveceu-se como mediadora excellento para conseguir o tratamento das relações rötas desde a embaixada de Vienna, forjou cartas falsas em que eu acreditei, e por ultimo levou a audacia até mas-

—Ide lançar-vos aos pés de Sua Magestade e pedi-lhe perdão, senhor! — lhe disse eu, apresentando a catastrophe!

—E o cardinal fez-se conduzir, sem mais demora, a Versailles.

Como Vossa Alteza, quando o aconselhei a partir d'ara as Caldas, lançou-se aos pés da Rainha a pedir-lhe a regencia do reino, o senhor cardinal de Rohan não partiu para Versailles! Quatro dias depois, como bem pode vir a acontecer a Vossa Alteza, o grande esmoler de França, o rei do claro, o príncipe do Sacro Romano Imperio era preso em Versailles, diante de toda a corte polo capitão das guardas, duque de Villeroi! Aqui tem Vossa Alteza, singelamente e claramente, como as cousas se passaram!

D. José ergueu-se, pousou o seu claro olhar nos olhos hypnotisadoras de Cagliostro.

—Por esta cruz de Christo juro acreditar-o, conde! Amanhã partirei para as Caldas!

—Alteza, basta que eu vá! Falarei com o Arcebispo. A prudencia manda caminhar sem pressa. É uma noite escura em que eu vou entrar. Vossa Alteza aguardará que amanheça e se faça luz n'esta grande trova. Irei em diante!

—Sósinho, conde?

Cagliostro sorria, com uma confiança serena.

—Sósinho não, Alteza! Levo uma boa o fiel amigo!

E bateu nos copos reluzentes da espada.

—Seja prudente, conde!

—Prudente como o proprio medo! Terei Vossa Alteza novas de mim todos os dias pela condessa.

—Quando partei?

—Esta noite. A condessa terá a honra de vir a Queluz, sempre que se torne preciso, na minha ausencia, communicar a Vossa Alteza novas do que se passa.

O resto do D. José affogou-se.

—Mas, conde...

A condessa tem a innocencia de uma criança e as energias de uma alma varonil, Alteza!

—Mas a Queluz.

—A condessa é discreta e dedicada...

—Não; não pôde ser, conde! Daria lugar a rumores e a suspeitas.

Cagliostro esboçou um grande gesto de dignidade.

—A condessa é virtuosa, Alteza...

—Mas o mundo não o é, conde.

—Difficil será encontrar mensageira mais fiel... A carta é sempre traiidora, quando não é uma carta indecifrável. Eu correspondo-me com a condessa n'um dialecto arabe, que debalde o Intendente, os ministros e a Academia tentariam decifrar e traduzir... Quando mesmo as minhas cartas se extraviassem, que perigo poderia offerecer uma papéis omnescriptos de caracteres cabalísticos? Não vejo outro meio de conseguir, sem perigo imminente, corresponder-me das Caldas com Lisboa... Forçoso será, Alteza, que me cale e trabalhe em silencio, sem conselho, como unico dirigente e responsavel do plano que vou urdir e da obra que vou executar.

—Eu passaria os dias na inquietação e no desassossego, ignorando os tramites de uma acta, em que está em jogo a minha vida!

—Não vejo outro meio.

—Partirei para as Caldas!

—Seria expôr-se Vossa Alteza aos maiores perigos... Tornasse necessario limpar primeiro o caminho, para que Vossa Alteza possa passar sem receio.

D. José permaneceu por um instante pensativo, olhando os jogos de agua do tanque de Neptune; e fitando, subitamente, Cagliostro, disse em voz baixa:

—Eu proprio irei, de noite, á hospedaria do Neutral, pedir noticias á condessa e beijar-lhe a mão.

Cagliostro reteve o grito de triumpho, que lhe subia á garganta, e fechou os olhos para esconder o brilho jubileoso que os illuminára.

A ovelha cabira finalmente na caverna do lobo. Nem todos os pastores lh'a arrancariam das garras!

Mas convinha dissimular a alegria e occultar a victoria para não affugentar o vencido. Cagliostro meneou a cabeça, fingiu reflectir, como se mentalmente pesasse as vantagens e os perigos daquellas visitas nocturnas, de Queluz a Belem.

—E expôs-se Vossa Alteza, solitario, a esses viages?

—Levarei um amigo fiel para o caminho.

—Senhor, não hesito em confiar a Vossa Alteza a honra da condessa! Mas é esse um dos casos que requerem a defeza de um só, o segredo de um só, a garantida de um só! Como explicaria Vossa Alteza aos companheiros essas saídas mysteriosas? Como uma aventura de amor?

—Não, conde! A honra de uma mulher vale tanto como a vida de um príncipe!

—Como as explicaria então Vossa Alteza?

—Não as explicaria!

—Era peor!

—Irei, sósinho! Não vai sósinho o conde para as Caldas?

—Sósinho, não, Alteza! Vou com Deus e a minha espada!

—Deus me acompanhará!

—E o Intendente tambem, Alteza!

D. José endireitou o busto com arrogancia.

—Como diz, conde?

—Disse que o Intendente acompanhará Vossa Alteza!

—O Intendente não está em Queluz!

—Que importa? Está alguem por elle!

—Já o sabe? Dois creddores da copa, que eu mandei expulsar do palacio... Dois espíões confessos!

—E os outros?

—Que outros?

—Os que Vossa Alteza não vê e não suspeita! Os que se occultam na sombra; os que se disantnam atrás das portas; os que o servam e lhe beijam a mão; os

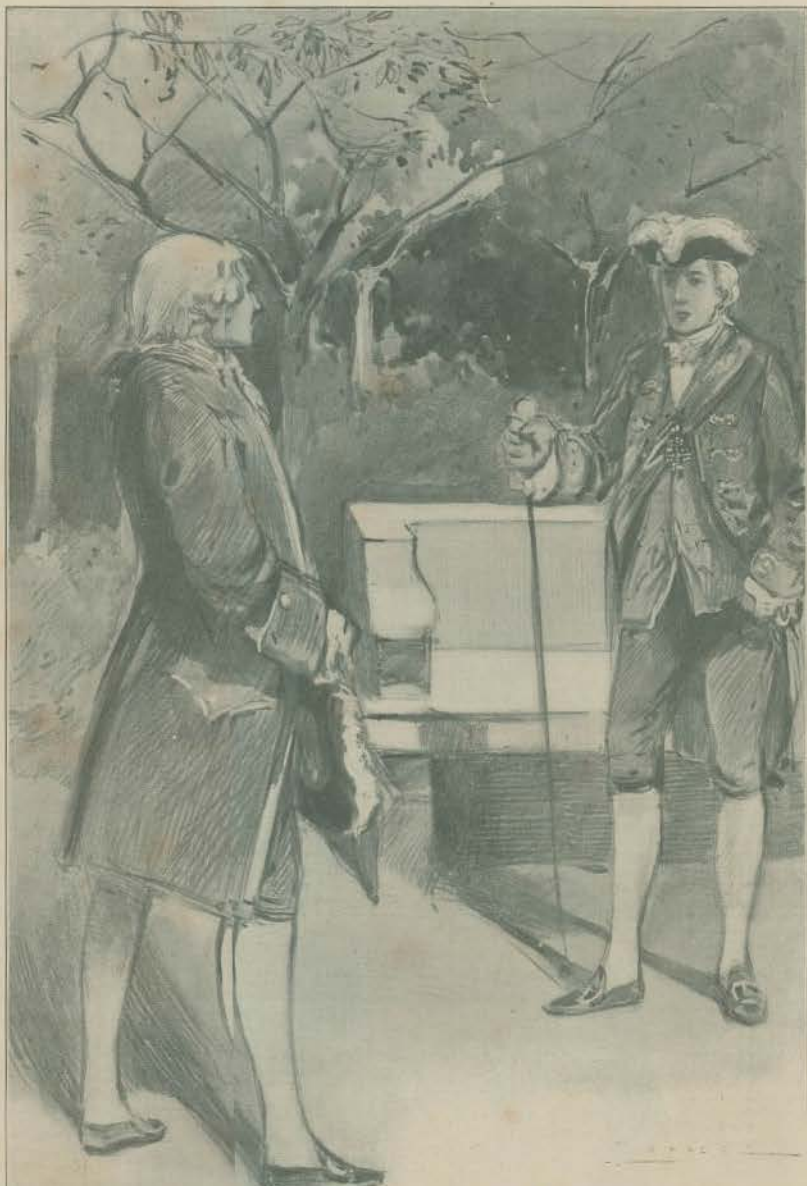
entre uma nuvem de agentes secretos da Intendencia...

—Mas quem sou eu, enfião?

—Vossa Alteza é o Príncipe do Brasil, herdeiro da coroa, filho primogénito de Sua Magestade!

—E espiam-me!

—E perseguem-vos, senhor!



SÓSINHO CONINDE?

que lhe pedem estmola; os que tateiam como serpentes e se volatilizam como fantasmal! Vossa Alteza está cercado de espíes, no seu paço!

—E quem lh'o disse?

—Um dos espíes do Intendente, que é hoje meu sejeiro!

—Incumbirei ao duque o cuidado de fazer espisar os meus espíes e vigiar os meus vigilantes!

—E' inutil, Alteza! O duque não move-se, igualmente,

—Vigiam-me como se eu fora um inimigo do Estado!

—Peor, Alteza! Como se fosses uma criança allucina-

da e perigosa!

—E' isso, conde! Nunca ninguém tivéra a crueldade

e a coragem de m'o dizer! Vigiam-me como uma criança!

Que outra cousa sou eu, no reino, mais que uma criança!

E' isso, conde! Como uma criança me casaram,

como uma criança me desconsideraram, me atropellam os

direitos, me desdenham os conselhos, me censuram os

propositos e me vigiam os passos! E entretanto, conde,

os paes e os avós d'esses ministros omnipotentes, des-

denhosos e arrogantes, obedeceram como vassallos sub-

missos a meu bisavô D. João V, quando aos dezeseete

anos elle cingiu a coroa!

—A coroa real dá a supstancia!



O OPERARIO SR. JOÃO PEREIRA NA TRIBUNA



O SR. DR. ANTONIO J. D'ALMEIDA NA TRIBUNA
O COMICIO DE PROTESTO CONTRA A LEI DE 13 DE FEVEREIRO



O OPERARIO SR. PAULO TAVARES NA TRIBUNA



O VAPOR INGLEZ «CROMARTY»
Carregado com 2100 toneladas de materias para o estaleiro de ferro de Bengalla, ancorado na bahia do Lobito a 15 metros da terra em 5 metros de fundo.



SR. ANTERO DE FIGUEIREDO
Autor do livro recentemente publicado
Recordações e Viagens



A BAHIA DO LOBITO

CHRONICA ELEGANTE

A nossa estação mundana vai decorrendo com a mais serena placidez, entretidas as tardes primaveris d'este fim de janeiro com os habituaes passeios no Campo Grande e Avenida, passadas as noites em S. Carlos, onde, por enquanto, nenhum acontecimento artistico sensacional se realizou. O theatro D. Amélia é que teve n'algumas noites o atractivo de alguns encantadores espectaculos de *mi-mo-dramas*, que a todos seduziram pela extrema novidade de exhibição.

Felizmente para o chronista embarcado houve uma festa verdadeiramente atrahente sob o ponto de vista da mais alta elegancia e opulencia, alliadas ao mais supremo bom ton, ao mais requintado sentimento artistico, realçada n'um dos mais elegantes palacios de Lisboa,



FIGURA 1



FIGURA 2

cuja illustre possuidora tem o raro condão de tornar altamente suggestivas as suas festas. Esta podia bem chamar-se a festa da primavera e da mocidade, representada por um encantador grupo de *Pirrettes*, deliciosas todas, destacando-se duas *rosas* e uma do negro com o chapéu coberto de joias antigas do mais seductor aspecto. Lilazes, cravos rosas e camellas brancas formavam o fresquissimo *décor*, ressendo suavissimo perfumes, sob as luzes scintillantes e multicolores de centenas de lampadas e ao som de inebriante musica. Não se notou preferencia nas cores das *toilettes*, ostentando-se algumas riquissimas, entre ellas a da distincta dona da casa, toda bordada a perolas, genero *rococo*;

outra dama elegantissima em *bleu pastel* bordada a *noire* e *paillettes* e a d'uma illustre senhora do corpo diplomatico em cor de rosa com riquissimas rendas e fias de perolas de incalculavel valor. Não nos permite a exiguidade do espaço referir maior numero de *toilettes*, que as havia em todos os generos, verdadeiros primores de elegancia e modelos da arte de vestir bem.

Todavia em S. Carlos parece haver decidida preferencia pelo branco, que se ostenta profusamente nas primicias ordens de camarates, sendo usado em tecidos pesados ou vaporosos com a mesma accentuada prodlieção. D'alli passamos ao preto, que tambem se vê immenso, tanto em traje atogado como decotado.

FIG. 1 — *Sortie de bal* em velludo *ciel* rose guarnecida de rendas.

FIG. 2 — Corpo para theatro ou *soirée* em tullo preto *froco* e *paillettes*.

FIG. 3 — *Toilette mi-travesti* de phantasia para *soirée*, em gaze e setim preto *paillette* de *noire* e ouro.



FIGURA 3

COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE

AVISO IMPORTANTE

A Companhia Franceza do Gramophone, tendo conhecimento de que appareceram no mercado DIAPHRAGMAS que são completamente differentes dos da referida companhia não só na qualidade como nos effeitos dos sons, etc., etc.: pede aos senhores revendedores e demais clientes que exijam sempre sobre os DIAPHRAGMAS os seguintes dizeres:

GRAMOPHONE & TYPEWRITER, LTD

PARIS LONDON BERLIM

Preço do diaphragma

perfect EXHIBITION

7\$500 RÉIS

AGENTES EM LISBOA

C. CALDERON, *Rua dos Fanqueiros, 800*
EDUARDO BAPTISTA, *Rua do Ouro, 17*

LEOPOLDO WAGNER, *Rua do Ouro, 75*
SAANTOS DINIZ, *Praça dos Restauradores, 52*

NA PROVIINCIA

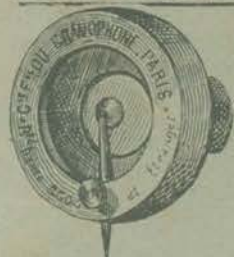
Arthur Barbedo, *Rua Mousinho da Silva, 310, 1.º, Porto*
Annibal Dias Saraiva Mora
Manuel Antonio Maneiro Gomes, *Braga*

A Companhia Franceza do Gramophone desde hoje tem os seus escriptorios no

Largo da Rua do Pprincipe - Lisboa



Marca de fabrico depositada



LA VOIX DE SON MAITRE

A. VIEIRA DA SILVA - ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem

O MELHOR DIGESTIVO - TONICO - NEUROSTHENICO

VITALOL

DE
Meyrilles & Moura Brasil

DEPOSITOS
Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Drogaria America
E EM TODAS AS BUAS PHARMACIAS

A chakra — o superior
primario da potencia —
temo sapientemente a valor
curativo do VITALOL nas
moléstias onde ha perda
de phosphaticos: Tolerancia
baixa — Debilidade — Dispepsia
— Neurasthenia — In-
stabilidade geral — Frenes-
bago — Faltação physica
e intellectual — Digestões
difficiles — Insomnia —
Esgotamento — etc.



Perola Thesouro do Estomago

PREPARAÇÃO

DE

LUIZ DIAS AMADO PHARMACEUTICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GRANDE EXITO!

Este preparad. não contém toxico algum e cura radicalmente todas as doencas do estomago. Pelas virtudes que o recomendam clamam-se para elle a attenção dos senhores medicos assim que bem o observem na sua applicação e nos seus effeitos pois não entrando em sua formula a mucilagem nem a coxidão, diz sempre em dias do estomago logo que se toma a primeira dose. As acidas e as não digeridas desaparecem com o seu emprego, facilitando a função dos fermentos digestivos e diastase fermento importante transformando as feccas, formolosas e azidas e levando asimilavel; a propria fermentação da carne; a puerilidade viciada, a acidez, as gorduras, torções digestivas. A temperatura normal a digestão realiza-se independentemente da quantidade do individuo. — A Perola Thesouro do Estomago contém ainda principios amargos reconhecidos como tónicos effectivos. Alim o appetite e faz desaparecer promptamente as dores de cabeça e os enlaxamentos do estomago, as flatulencias, a cypotia, a diarrria, os excessos de azidos, destruido os microbios fomesos e as funções estomacares, actuando sobre o sistema nervoso central os nervos, como por exemplo, fazendo passar o intellecto do torbo a gloria, o que justifica o epitheto honroso de

PEROLA THESOURO DO ESTOMAGO =
Deposito geral: Pharmacia Dias Amado — 50, Rua do Carmo, 52 — E em todas as pharmacies do pais

Francisco Leal & C.^a IMPORTADORES

Carvão de pedra de todas as qualidades, coke e ferro gusa para fundições

AGENTES DO CARVÃO DOMESTICO

Deposito — Rua do Gamboa, 14 a 26
Escritorio — Rua 1.^a de Março, 67, 1.^a

RIO DE JANEIRO

ARTISTICA ENCADERNAÇÃO

Brilhantes capas em percalina encarnada, a ouro e cores, superlamente illustrada por Santos Silva, como indica o desenho junto, para a encadernação de cada semestre da notavel revista a

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Capa e respectivo indice, para cada semestre 700 réis.

Os assignantes das terras em que não houver boas officinas, podem obter a encadernação luxuosa de cada semestre da bella revista, nella quantia de 1\$260 réis assim distribuidos

Capa	700 réis
Encadernação	300 réis
Sorte de material de letra	150 réis
Emballagem	100 réis
Total	1\$250 réis

Para isso deverão enviar os respectivos exemplares á Empresa O Seculo — Lisboa — bem acondicionados, remetendo a quanti- referida em vale do correio ou carta registada.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



EMPRESA O SEculo JORNAL



VINHOS ESPUMANTES
ASSOCIAÇÃO VINICOLA

AGENTE
EM LISBOA: SANTA BIRGITA (C. A. DE LIMA)

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

CAPITAL	Acções.....	360:000\$000
	Obrigações.....	338:670\$000
	Fundo de reserva e de amortisação.....	205:000\$000
	Réis.....	903:670\$000

SEDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobroirinho (Thomar); Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispõe dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria

Tem em deposito grande variedade de papel de escripta, de impressão e de embrulho

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade, de papel de machina continua ou redonda e de forma

Fornecer papel aos mais importantes jornales e publicações periodicas do pais, entre as quaes Diário do Governo, O Seculo, Diário de Notícias, Jornal do Commercio, Diário Illustrado, Correo da Noite, Tarde, Folha da Tarde, Mundo, Voz do Operario, Novidades, Liberal, Jornal da Noite, Debate, Arco-Iris, Touris, Parodia-Lomedia Portuguesa, Gazeta dos Camilhões de Ferro, Via-Ferrea, Palavra, Jornal de Notícias, Primeiro do Janeiro e muitos outros de Lisboa, Porto, provincias e ilhas

Escritorios e depositos Lisboa — 270, Rua da Princeza, 276/ Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço de telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado — Lisboa, Numero telefonico: 8054